

RESENHA: ARTE, PRIVILÉGIO E DISTINÇÃO, de José Carlos Durand. São Paulo, Perspectiva/EDUSP, 1989. 307 p.

Fernando C. Prestes MOTTA*

Conhecido sobretudo por seu trabalho sobre os arquitetos brasileiros e, mais recentemente, sobre o campo da moda, o sociólogo José Carlos Durand publicou este ano um livro sobre as artes plásticas e a arquitetura no Brasil, cobrindo um período que vai de meados do século passado até a primeira metade dos anos oitenta do nosso século.

Explorando um campo pouco estudado entre nós, o autor vai desvendando a intrincada rede social que permeia a produção e a circulação das obras de arte, carregadas de valor signo, para usar uma expressão de Jean Baudrillard. Desde o início desfilam frente ao leitor monarcas, comerciantes, políticos e fazendeiros seguidos de "marchands", antiquários, decoradores, artistas nacionais e estrangeiros e, certamente, grandes famílias, trajetórias sociais complexas, industriais, críticos de arte.

A primeira parte, dedicada ao Brasil Monárquico, revela a complexidade de um império tropical, onde um imperador pobre, mesmo sendo um Bragança e um Habsburgo, é educado por uma aristocracia rústica, não conseguindo jamais inspirar o consumo suntuário das cortes européias. Mesmo assim, busca-se estimular as artes e, no bom estilo patrimonial, as relações sociais determinam quem estudará na Academia Imperial de Belas-Artes do Rio de Janeiro e, portanto, quem irá beber nas fontes do academismo em Paris e, em alguns casos, na Itália.

O apogeu de Vitor Meireles e Pedro Américo no Brasil é tratado com cuidado; os grandes temas históricos, incluídas as batalhas, marcando toda uma produção. O enriquecimento dos fazendeiros, seu enobrecimento e a vida na corte criam então um mercado para os retratos, para as decorações murais. Surgem então as primeiras galerias e o ensino de desenho e pintura como campo profissional.

O fim do século assiste, já no período republicano, à busca da formação de artesãos e ao declínio das academias. Todavia, a arquitetura vai se firmando como área importante na Escola Nacional de Belas Artes. A burguesia paulista enriquecida com o café passa temporadas européias, e através de algumas relações no meio diplomático e artístico, penetra no mundo do modernismo pari-

* Professor Adjunto do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

siense. Artes plásticas, música, moda, esportes de elite, são alguns dos ingredientes desse mundo de salões, exposições, inovação e, por vezes, exotismo que, em parte transplantado para o Brasil, é contemporâneo do surgimento dos patronos das artes e de vários de nossos grandes artistas plásticos como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti.

Experiência de certa forma mais difícil é a de nossos pintores "caipiras" numa Paris cosmopolita. Como um conjunto, entretanto, criam-se as bases para uma vanguarda tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, que, de origens sociais diversas, rompe com o academismo que recua para as mansões e casas mais tradicionais.

A história posterior liga-se já aos grandes negócios da comunicação de massa e da indústria. Assis Chateaubriand, o criador do nosso MASP, e Ciccillo Matarazzo, do MAM e das Bienais, desempenham, de certa forma, o papel de Dona Olívia Guedes Penteado e de Freitas Valle, num novo tempo. Interessante observar que Yolanda Penteado Matarazzo é sobrinha de Dona Olívia. Ciccillo coordena as festividades do IV Centenário, chama Niemeyer e Burle Max e o Ibirapuera é construído. Nas artes plásticas a celeuma ligada ao abstracionismo chega a ser ideologizada por alguns arquitetos e artistas, de modo geral ligados a correntes ou agremiações políticas. Dessa época é também o legado de Armando Álvares Penteado, que não parece ter tido o destino imaginado pelo mecenas. Mecenas mais rico seria, no entanto, o do governo, que ao construir Brasília celebra a arquitetura e a arte moderna em geral.

Tudo isso prepara os tempos contemporâneos, quando uma indústria cultural firma-se no país. As classes dominantes expandem-se e os bens simbólicos são disputados por um número maior de pessoas. O acesso à informação sobre esses bens também torna-se mais fácil para alguns setores da classe média. A variedade de bens simbólicos é também infinitamente maior, bem como hierarquizada. A arte é assimilada pela educação e até pelo campo psicoterapêutico. A alta burguesia declina enquanto importadora e difusora de cultura, os artistas profissionalizam-se e novas relações surgem no campo da produção e da comercialização na arquitetura e nas artes plásticas.

Parati nos anos sessenta, o Grupo Santa Helena, Paris, Rockefeller, IV Centenário e I Bienal, são algumas das peças do jogo caleidoscópico que Durand vai revelando para quem viveu um pouco disto e para quem apenas imagina, diante de um mural, de um quadro ou de um belo projeto arquitetônico, o vasto mundo social ali materializado.